

Diálogos com Thomas Csordas: o paradigma da corporeidade na Educação Física

Conversations with Thomas Csordas: the paradigm of embodiment in Physical Education

QUEIROZ E SILVA, T; ALMEIDA, D M F; WIGGERS, I D. Diálogos com Thomas Csordas: o paradigma da corporeidade na Educação Física. **R. bras. Ci. e Mov** 2016;24(2):197-205.

Thais de Queiroz e Silva¹
Dulce Maria Filgueira de Almeida¹
Ingrid Dittrich Wiggers¹

¹Universidade de Brasília

RESUMO: Este trabalho propõe-se a estabelecer canais de diálogo entre o paradigma da corporeidade de Thomas Csordas e o campo de conhecimento e intervenção pedagógica da Educação Física. Ao apresentar o paradigma da corporeidade em sua obra “Corpo/Significado/Cura” única do autor em língua portuguesa, na qual está exposta a pesquisa e o método de compreensão dos rituais de cura das religiões carismática católica norte-americana e *navajo* indígena - Csordas enfatiza a necessidade de estabelecimento de uma proposta metodológica para a compreensão das práticas corporais como fenômeno multidisciplinar. Com amparo nas abordagens teórico-metodológicas de Merleau-Ponty e Bourdieu, o autor propõe o entendimento do ser humano e suas interações sociais, com fundamento corporeidade. Desse modo, a corporeidade é o que sedimenta o que há de humano em nós, sendo, portanto, capaz de superar a visão dicotômica presente nos estudos dos campos das Ciências Sociais e da Educação Física. Advoga-se que o aporte teórico e metodológico de Thomas Csordas pode contribuir para redimensionar perspectivas teórico-metodológicas da Educação Física, reconhecendo que o sentido de colapso de dicotomias apresentado pelo autor pode ser utilizado como viés para a ruptura paradigmática estabelecida entre explicação-compreensão, rendimento-lazer, sujeito-objeto, mente-corpo, signo-significação, estrutura-prática numa perspectiva multidisciplinar. E ainda, esse novo *constructo* pode nos apoiar teórica e metodologicamente, como pesquisadores da área da Educação Física, a estabelecer ligações equânimes e consistentes entre práticas corporais, intersubjetividade, corporeidade, cultura e sociedade, sem olvidarmos das formulações mais clássicas da Educação Física, voltadas para o rendimento esportivo, academia, escola, esporte e dança, como exemplos, pois em todas essas práticas há uma elaboração cultural do engajamento sensorial.

Palavras-Chaves: Corpo Humano; Corporeidade; Cura Mental.

ABSTRACT: This paper aims to establish channels of communication between Thomas Csordas' embodiment paradigm and the knowledge and pedagogical interventions from the physical education field. Upon presenting his embodiment paradigm in the book “Body/Meaning/Healing”¹, in which he shares his research and method for understanding healing rituals from the Catholic Charismatic Renewal Movement and from the Navajo Indians – both from North America, Csordas emphasizes the need establish a methodological proposal in order to comprehend the body practices as multidisciplinary phenomena. Calling on the theoretical-methodological contributions made by Merleau-Ponty e Bourdieu, the author attempts to understand the human being and its social interactions, based on the idea of embodiment. In this way, embodiment is what sediments that which is human within us and, thusly, it is capable of surpassing the dichotomous vision often present in the fields of social sciences and physical education. Thomas Csordas' theoretical-methodological approach could contribute to reformulating perspectives in the physical education field, recognizing that the sense of collapsing dichotomies as presented by the author could be used as a bias for the paradigmatic rupture established between explanation-comprehension, productivity-leisure, subject-object, mind-body, sign-significance, structure-practice in a multidisciplinary perspective. And still, this new construct could assist us theoretically and methodologically as researchers in the physical education field to establish equanimous and consistent ties between body practices, inter-subjectivity, embodiment, and culture and society - without forgetting the more classic formulations from the physical education field such as athletic performance, academia, education, sports and dance - since all physical practices include a cultural elaboration of the sensory engagement.

Key Words: Human Body; Embodiment; Mental Healing.

Contato: Thais de Queiroz e Silva - q.thais@gmail.com

Recebido: 17/06/2015
Aceito: 24/04/2016

“Como nos tornamos humanos?” foi a pergunta motivadora para Thomas Csordas construir sua pesquisa sobre os rituais de cura das religiões carismática católica norte-americana e *navajo* indígena. Sua primeira obra no Brasil, intitulada originalmente como *Body/Meaning/Healing*, lançada em 2002, foi publicada em 2008, pela editora da UFRGS, sob o título “Corpo/Significado/Cura¹”. Trata-se da única obra do autor até agora traduzida para o português. A mesma reflete a experiência vivida em rituais de cura, integrando a etnografia ao aporte filosófico-metodológico de Merleau-Ponty e Bourdieu. Desse modo, o autor descreve o processo de nos constituirmos como humanos, mediados pela nossa experiência como seres corpóreos. O presente trabalho pretende articular a concepção de paradigma da corporeidade, exposta neste livro, buscando identificar e estabelecer relações com o campo da Educação Física.

Thomas Csordas, professor da *University of California*, em San Diego, tem realizado pesquisas nas áreas da antropologia médica e psicológica, religião comparada, teoria antropológica, fenomenologia cultural e corporeidade. Possui larga produção nesta direção multidisciplinar. No Brasil, o autor é referência utilizada principalmente, para além de seu livro em português, e o importante *Embodiment and experience: the existential ground of culture and self²*, publicado pela *Cambridge University Press*, em 1994, nos campos de conhecimento das Ciências Sociais³⁻¹² e igualmente da Educação Física¹³⁻¹⁴.

Para a Educação Física, a heurística do autor se encontra em dois diferentes âmbitos: (i) na proposição teórico-metodológica de um olhar sobre o corpo que vai além de considerá-lo como um mero objeto, um instrumento ou mesmo como um lugar de inscrição da cultura, conforme evidenciaram autores de diferentes tradições epistemológicas, como Mauss¹⁵, Elias¹⁶, Mead¹⁷ e Rodrigues¹⁸; e, (ii) na possibilidade de ultrapassar uma visão de ciência dicotômica em termos paradigmáticos, colapsando dualidades entre explicação-compreensão e buscando a multidisciplinaridade para o estudo da corporeidade.

Para Mauss¹², por exemplo, o corpo constitui-se em um objeto técnico, um instrumento que pode ser, ao mesmo tempo, tradicional e eficaz em sua realização. Não obstante a ênfase na técnica, o antropólogo francês identifica o corpo como um “fato social total” constituído física, psicológica e cultural/socialmente. De acordo com essa perspectiva, no corpo estariam inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade, pois ele seria o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente¹⁹.

Csordas¹, por seu turno, considera que é por meio do corpo que experimentamos e nos tornamos humanos em múltiplas possibilidades. Trata-se, segundo ele, de um corpo fenomênico, isto é, de um corpo que percebe e expressa em si mesmo um conjunto de sentidos e significados, que são sobretudo formas de materialização dos seres humanos. Sob essa perspectiva, o autor aborda as nuances da conexão entre “corpo e experiência” e entre “corpo e cultura”.

Nessa abordagem, o ser humano é situado como um sujeito corporificado, cujas maneiras de ser são construídas culturalmente, ao mesmo tempo em que produz sentidos particulares. Parte da premissa de que, antes de tudo, o corpo é o sujeito da cultura, isto é, para o autor, o corpo não deve ser tomado como objeto, mas como a base existencial da cultura, a cultura viva, por assim dizer. Para tanto, ele percorre um caminho que perpassa a antropologia da saúde, a antropologia da religião e a antropologia da psicologia, na qual se destaca a abordagem fenomenológica. Como resultado, propõe-se a construir uma antropologia da corporeidade. Esta última, deve ser encarada, conforme o autor, consoante um paradigma complementar à antropologia simbólica e interpretativa. A “antropologia da corporeidade” e a “antropologia simbólica”¹ são denominadas, respectivamente, de paradigma da corporeidade e paradigma da linguagem.

Csordas situa no primeiro momento aquilo que, no ser humano, ainda não se transformou em comunicação, aquilo que escapa ao discurso. São as emoções, os movimentos e a intuição, ou seja, a experiência corpórea não mediada por palavras. Sendo assim, ao invés de

postular que a única possibilidade de relação entre o ser humano e o mundo é a linguagem, o antropólogo mostra que a corporeidade é um estado que se realiza na experiência instituída de percepções pré-objetivas. Concorde, neste âmbito, com a perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, ao passo que esta compreensão pressupõe a experiência da existência, ou seja, do “estar no mundo”, como condição *sine qua non* para corporificar / materializar o sujeito¹.

A religião se configura como campo privilegiado para a observação do ser corpóreo, pois é nela que se evidencia o corpo humano como palco de experiências para o encontro com o sagrado. Lembrando Mauss, o autor reafirma que é por meio do envolvimento do corpo que as religiões conseguem de forma concreta e imediata persuadir as pessoas da existência de realidade divina. A experiência religiosa constitui-se, então, no observatório das relações entre corporeidade e significação, sendo simultaneamente percepção e experiência. Além disso, a cura é central na investigação antropológica levada a cabo, pois é representada como um elemento integrador de diferentes campos do conhecimento e da experiência humana.

A diversidade de olhares sobre o processo de cura e sobre o sistema de saúde não tem a intenção de desmerecer as curas terapêuticas ou médicas, mas reconhece que há algo na cura religiosa profundamente capaz de efetuar a transformação da cultura e do sujeito. Destarte, esta compreensão percebe o corpo como um corpo fenomênico, que não é só um substrato biológico, mas a sede de diferentes formas de ser/estar no mundo pelos humanos.

Para a construção dessa abordagem metodológica, que o autor denomina de paradigma da corporeidade/metodologia da corporeidade, são desenvolvidas duas agendas: a teórica e a empírica, pelas quais Csordas entrecruza reflexão teórica e relatos etnográficos propriamente ditos, representando a experiência do autor com as curas religiosas.

O *constructo* teórico da corporeidade, como paradigma para se entender o sujeito e a cultura, está assentado nas relações entre: “sujeito e objeto” e

“estrutura e prática”. O ponto de partida foi o estudo de Hallowell pautado na definição de percepção, interpretada por meio da noção de *self*, isto é, a consciência de si. Esse é, simultaneamente, produtor de uma mentalidade reflexiva, de auto-objetificação e de prática, esta última compreendida como o ambiente comportamental, responsável pela construção dos vínculos entre o sujeito e a cultura. Nos termos de Csordas, o propósito é alcançar tanto as objetificações da cultura quanto as do sujeito. Para esse intento, o autor se apropria dos conceitos de percepção em Merleau-Ponty e de práxis em Bourdieu, demonstrando uma relação dialética entre dois paradigmas científicos – a compreensão presente na fenomenologia e a explicação, que está, em tese, formulada na orientação bourdieusiana.

O conceito de percepção presente na fenomenologia de Merleau-Ponty é referenciado numa dimensão micro-analítica da subjetividade. Compreende um estágio pré-objetivo, que acontece no corpo vivido na experiência e não se constitui em um ato intelectual. Refere-se, pois, ao momento transcendente, no qual a percepção está situada no corpo implicado nos fenômenos culturais: o ser-no-mundo. “[...] se começarmos com o mundo vivido dos fenômenos perceptuais, nossos corpos não são objetos para nós. Muito pelo contrário, eles são parte integral do sujeito que percebe”¹ (p.141).

Por seu turno, o conceito de *habitus* de Bourdieu possibilita o olhar para o corpo como a tela de fundo cultural e social, ou seja, o *habitus* é colecionador de “[...] disposições duráveis, princípio inconsciente e coletivamente inculcado para a geração e a estruturação de práticas e representações”¹ (p.109). Recuperando Mauss e salientando a importância desse autor para o próprio Bourdieu e para a antecipação de uma construção do paradigma da corporeidade, Csordas ressalta as técnicas corporais, ou seja, os usos padronizados do corpo numa sociedade. Desse modo, resgata o conceito de *habitus*, como categoria macrosociológica, responsável por delinear a relação indivíduo-ator e sociedade, que é, simultaneamente, estrutura-estruturante e estrutura-estruturada, entendida como o princípio gerador e unificador de práticas sociais. Dessa maneira, ao propor a

interlocução entre distintos nortes paradigmáticos, a saber explicação e compreensão, Csordas parece apontar para uma espécie de ruptura paradigmática no entendimento de um fenômeno que é, sobretudo, humano, a corporeidade.

No âmbito de sua agenda empírica, Csordas, ao analisar os registros etnográficos das curas espirituais, descreve as técnicas corporais visualmente percebidas, atentando para as percepções relatadas pelos participantes. Busca, pois, compreender como estes objetificam suas sensações corpóreas, por meio de um compartilhamento de disposições características de uma prática religiosa, ou seja, de um conhecimento culturalmente partilhado no corpo.

É, portanto, na agenda empírica que os conceitos se tornam operáveis e conformam o paradigma da corporeidade. Por meio dos registros etnográficos, instante em que se propõe a uma análise da cultura, com fulcro nos processos de objetificação oriundos da matéria-prima da percepção, é possível compreender a construção de rupturas sobre as visões dicotômicas de sujeito-objeto, mente-corpo, signo-significação, estrutura-prática. Ou seja, são os processos perceptuais e suas objetificações que fundam o sujeito e a cultura. E sujeito é simultaneamente o corpo que percebe e o corpo que age/atua, ou seja, Csordas compreende dialeticamente percepção e prática.

Os exemplos empíricos religiosos que o autor escolheu para postular o paradigma da corporeidade, tais como espíritos malignos, imagético multissensorial, glossolalia, profecia e repouso no espírito, são muito elucidativos e sua reflexão sobre o corpo desdobra-se em vários vetores, podendo ser compreendida e utilizada como metodologia por diversas áreas do conhecimento. O próprio autor aguça o leitor a experimentar a metodologia da corporeidade, como referência de análise para outros contextos de estudo, que possam ser entendidos à luz dessa proposta. Busca avançar em certos limites científicos e arrisca ao propor, de forma contundente, a metodologia da corporeidade, aproveitando o possível colapso das dicotomias sujeito-objeto, mente-corpo, signo-significação e estrutura-prática. Aqui ousamos dizer que também colapsa as dicotomias entre os paradigmas

explicativo e compreensivo, propondo um conhecimento científico que seja multidisciplinar. Nessa direção, pensando-se, por exemplo, a partir da ótica da Educação Física, poderíamos supor que realizar pesquisas sobre seres humanos, em particular sobre seus corpos ou suas práticas corporais, deveria pressupor a constituição de uma maneira de estudar que vá além das rupturas paradigmáticas (explicação e compreensão), dando conta do ser humano como um todo, ao tempo em que se reconhece a perspectiva tridimensional da natureza humana, nomeadamente, física, psicológica e social. Acredita-se, nesse âmbito, que a contribuição de Csordas ao definir o corpo como base fundante e existencial do sujeito e da cultura, aspecto este central para o paradigma da corporeidade, permite que se conecte o ser humano ao mundo por meio da experiência corpórea²⁰.

A experiência corporificada passa, então, a ser ponto de partida para analisar a ação humana na cultura. Esta ideia está fundada em Bourdieu que, segundo Csordas¹, mudará o “[...] foco inicial do corpo como fonte de simbolismo ou meio de expressão para a consciência do corpo como *locus* de prática social” (p.368). E o entendimento de “corpo vivido”, definido pela experiência perceptiva e pelo modo de presença e engajamento no mundo, torna-se ponto de partida metodológico, ao invés de o corpo ser reduzido a um objeto de estudo isolado ou unidade material biológica. Novamente o entendimento de Csordas pode contribuir para aprofundar os estudos da Educação Física, à medida que por meio de sua perspectiva pode haver o redimensionamento de dicotomias como rendimento e lazer, por exemplo, isso porque a formulação defendida pelo autor é a de não excluir qualquer forma de reflexão sobre o corpo, mas assumi-las como conhecimentos complementares e dialéticos.

Csordas se dedica à tarefa de dar um passo na estruturação da corporeidade como um campo metodológico, partindo então, da dialética entre consciência perceptiva e prática coletiva. Ele denomina esse processo de “modo somático de atenção” e define o termo como as formas elaboradas culturalmente pelo indivíduo a fim de estar atento ao corpo e com corpo em

ambientes sociais, parafraseando o autor, que “incluem a presença corporificada de outros”¹ (p.372). Essa noção, na opinião do autor, sugere que prestar atenção ao corpo pode nos ensinar algo sobre o mundo e sobre os outros que nos rodeiam. Assim, as maneiras como damos atenção *ao* e *com* o nosso corpo não são arbitrárias nem biologicamente dadas e, sim, culturalmente constituídas. Isso nos leva a concluir que não apenas a forma como as práticas e as técnicas corporais são executadas no seio de uma sociedade seria não arbitrária, mas também as formas como cada sociedade e cada indivíduo elabora culturalmente sua percepção no meio intersubjetivo em que vive. Seria esse, então, um passo mais profundo na compreensão sobre a relação entre corpo e cultura, nos estudos da antropologia do corpo?

Embora em número limitado, é possível identificar autores que desenvolveram estudos com base na fenomenologia, principalmente em Merleau-Ponty, no campo da Educação Física, como Santin²¹⁻²², Betti²³, Moreira²⁴, Kunz²⁵⁻²⁶, e Nóbrega²⁷. Esses já apontaram a necessidade de compreensão do movimento como experiência corpórea, considerando o ser humano no contexto de suas interações sociais.

Essa perspectiva já fora apontada, por exemplo, por Santin²¹⁻²², que, fundamentado em Merleau-Ponty, produziu uma reflexão que buscou estabelecer uma identificação da Educação Física com a corporeidade. Para Santin²¹, o ser humano [...] é corporeidade e, como tal, é movimento, é gesto, é expressividade, é presença” (p.26). Por conseguinte, no lugar de privilegiar o movimento mecânico, vazio e ritualístico, a Educação Física deveria abordar o gesto artístico e criativo, ou seja, o movimento que instaura a presença expressiva. Assim, de acordo com as proposições do autor, faz-se mister romper a história contada pelos cientistas do corpo, abrindo-se a uma visão lúdica de interpretação do corpo. “Há algum tempo tento encontrar a filosofia do corpo, silenciada pelo corpo da filosofia ou das filosofias”, completa Santin²² (p. 58).

Seguindo elementos da tradição filosófica e pedagógica da Educação Física alemã, para Kunz²⁵⁻²⁶, a Educação Física deveria voltar seus interesses para o ser

humano que se movimenta, tanto no campo dos esportes como no mundo vivido. Mesmo quando age fora do contexto esportivo, como, por exemplo, no trabalho, no lazer, na cidade, na escola, no espaço familiar, o ser humano é um ser que se movimenta. Esse conjunto forma o “mundo de movimento”, também denominado por ele de “cultura do movimento”. Esse é o ambiente onde o ser humano produz e cria o seu “se-movimentar”, ao mesmo tempo em que sofre resistências a essas condutas e ações. Desse modo, afirma a distinção presente na filosofia alemã, entre “corpo substancial” (*Koerper*), que designa o corpo-objeto, observável, mensurável e quantificável, e “corpo relacional” (*Lieb*), que se refere ao corpo-sujeito, vivido e animado.

A partir da crítica ao corpo-objeto, que recebe ordens e imita padrões de movimento pré-estabelecidos, aquele dominante nas ciências do esporte, Surdi e Kunz²⁸⁻²⁹ analisam que nesse, o padrão de movimento a ser copiado passa a ser mais importante do que o próprio ser humano que realiza o movimento. Em contrapartida, exploraram a filosofia de Husserl e de Merleau-Ponty, para apontar a experiência como forma de o ser humano se fazer sujeito, mediado pelo movimento próprio. O gesto criativo e autônomo, fundado em sua corporeidade, deveria, pois, ser o orientador da prática pedagógica da Educação Física, recuperando e recolocando, assim, sua relevância e real sentido no processo educacional. Para ilustrar essa possibilidade, Marques *et al*³⁰ divulgaram uma experiência da dança como manifestação corporal total. A aproximação entre dança e fenomenologia foi explicitada pelos autores em dois momentos: relação intencional entre o sujeito e a dança; e fruição artística. No primeiro momento, a experiência do sujeito constitui a origem da intencionalidade da consciência corporal. O segundo, por sua vez, configura-se na relação entre quem dança e quem aprecia, que estabelece caminhos para a formação de multiplicidade de interpretações e sentidos.

Para além das abordagens anteriores, a Educação Física é palco para estudos nos quais a metodologia da corporeidade pode ser aplicada, não só porque ambos – Educação Física e metodologia da corporeidade – voltam seus olhares “no” e “para” o corpo, mas também porque a

última poderá auxiliar na compreensão do que Silva *et al*³¹ chamaram de “práticas corporais”. Para esses autores, as práticas corporais carregam significados para seus praticantes e parte da experiência vivida durante as práticas pode ser racionalizável, embora muitas vezes parte de seu conteúdo sequer pode ser comunicado ou tornar-se consciente. Nesse sentido, aquilo que Csordas construiu pode vir a contemplar o que SILVA *et al*³¹ vêem como dificuldade para os pesquisadores da Educação Física: a difícil reflexão sobre a transformação da experiência em objeto de conhecimento para ciência, pois esta última impõe, considerando sua tradição moderna, a redução das práticas corporais ao seu aspecto de comportamento motor ou atividade física.

A perspectiva das práticas corporais, assim como o paradigma da corporeidade de Csordas, representam uma alternativa a essa tradição, pois refletem a relação entre corpo e experiência e se interessam pelos significados e sentidos atribuídos a essas práticas, institui-se assim uma proposição interessante para a reflexão do campo de conhecimento e intervenção pedagógica da Educação Física, que diz respeito à necessidade de estabelecer diálogo entre paradigmas até então considerados conflitantes – como a explicação-compreensão e rendimento-lazer. Portanto, se o ser humano é um todo – fato social total – como avançar em estudos no campo em tela sem considerar os aspectos tridimensionais que o revestem? Sendo assim, seria imprescindível sedimentar um campo de pesquisa que tenha preocupação em considerar os conteúdos intersubjetivos, individuais e coletivos, postos no ato das práticas corporais, mas também os efeitos fisiológicos e biomecânicos imediatos.

A possibilidade de aplicação da metodologia da corporeidade compreende, portanto, no espaço na Educação Física uma possibilidade de encarar gestos, palavras, movimentos corporais, linguagens corporais, expressões corporais, e toda a gama de possibilidades corpóreas como forma de encarnar a percepção de ser-no-mundo, dando atenção à parte intersubjetiva da experiência corpórea vivida na dimensão social, sem se esquecer de que o corpo é movimento dialético entre percepção e experiência.

Desse modo, o que Csordas apresenta de novo é um *constructo* que pode nos apoiar teórica e metodologicamente, e que nos permitirá, como pesquisadores da área da Educação Física, estabelecer ligações equânimes e consistentes entre práticas corporais, intersubjetividade, corporeidade, cultura e sociedade, sem olvidarmos das formulações mais clássicas da Educação Física, voltadas para o rendimento esportivo, academia, escola, esporte e dança, como exemplos, pois em todas essas práticas há uma elaboração cultural do engajamento sensório.

A relação entre o conceito de prática corporal de Lazzarotti Filho *et al*³² e a metodologia da corporeidade pode ser estabelecida quando se compreende que o primeiro se explicita por meio de fenômenos culturais que se manifestam no corpo e por meio do movimento corporal. Em certa medida, esse é, também, o procedimento que Csordas escolheu para estudar os rituais de cura. Além disso, os citados autores compartilham do entendimento de que o corpo produz cultura e que esta pode ser, ao mesmo tempo, entendida “pelo” e “por” intermédio do corpo.

Outro ponto em comum sugere que as práticas corporais são organizadas a partir de um saber que está na própria prática corporal e naqueles que dominam a lógica da prática. São constituídas a partir de interações sociais determinadas, que lhe conferem sentido coletivo e enraizamento histórico. A prática corporal, a partir de uma construção histórica, é entendida como algo que existe e precede a nossa própria movimentação. Em outras palavras, existe algo de cultural em nossas percepções, no modo como sentimos, percebemos e intuimos, e que é pré-objetivo, que precede o próprio movimento intencional. Além disso, as práticas corporais, como os rituais de cura, também pressupõem procedimentos e objetos determinados, a serem utilizados em sua prática. Neles, equipamentos, espaço, regras e técnicas são compartilhados entre os participantes envolvidos.

Com efeito, colapsar dualidades e redimensionar a objetificação do corpo, seguindo em direção a um proposta metodológica que possibilite a interação entre a

percepção dos sujeitos, definida como ser-no-mundo e sua práxis, podem ser tomados como mecanismos para a construção do paradigma da corporeidade, indo além de máximas estabelecidas como rupturas tais como ocorreu com a explicação e a compreensão. Essa redefinição pode propiciar olhares sobre o corpo em perspectivas multidisciplinares, como salienta Csordas¹. Porque, para ele, ao tratar de um fenômeno tão complexo como é o corpo, dificilmente conseguiríamos deixar de transitar, de modo multidisciplinar, dentro de campos de conhecimento como Antropologia, Sociologia, Psicologia e, no nosso entender, Educação Física,

Por fim, consideramos que Csordas traz um conhecimento indispensável para o campo da Educação Física, ao cruzar a proposta de corpo como mero instrumento e/ou objeto e localizá-lo na reflexão sobre a corporeidade como ponto de partida para olhar a cultura. Sobretudo, o que se apresenta é uma proposta metodológica que pode ser transposta de uma perspectiva antropológica para um olhar que colapsa dicotomias em relação aos estudos das práticas e técnicas corporais, como o rendimento-lazer e, por conseguinte, da Educação Física, tendo a corporeidade como fio condutor.

Referências

- 1 - Csordas T. *Corpo, significado, cura*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- 2 - Csordas T. *Embodiment and experience: the existential ground of culture and self*. Cambridge: University Press, 1994.
- 3 - Bizerril J. O caminho do retorno: envelhecer à maneira taoista. *Horizontes Antrop.* 2010; 16 (34): 287-313.
- 4 - Carvalho ICM, Steil CA. A sacralização da natureza e a 'naturalização' do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambiente e Soc.* 2008; 11 (2): 289-305.
- 5 - Carvalho ICM, Steil CA. O habitus ecológico e a educação da percepção: fundamentos antropológicos para a educação ambiental. *Educ. e Realid.* 2009; 34 (3): 81-94.
- 6 - Gonzalez EC. Construindo corpos nas consultas médicas: uma etnografia sobre hipertensão arterial em Salvador, Bahia. *Caderno CRH* 2011; 24 (61): 81-96.
- 7 - Greganich J. Cura e reencarnação: o processo de cura espiritual no Santo Daime. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião* 2010; 12 (12): 107-129.
- 8 - Maués RH. "Bailando com o Senhor": técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe com técnicas corporais). *Rev. de Antrop.* 2003; 46 (1): 10-40.
- 9 - Monteiro M. Corpo e masculinidade na revista VIP Exame. *Cad. Pagu* 2001; (16): 235-266.
- 10 - Motta CS, Bomfim LA. A gente vive pra cuidar da população: estratégias de cuidado e sentidos para a saúde, doença e cura em terreiros de candomblé. *Saúde e Soc.* 2011; 20 (2): 325-337.
- 11 - Steil CA, Carvalho ICM, Pastori EO. Educação ambiental no Rincão Gaia: pelas trilhas da saúde e da religiosidade numa paisagem ecológica. *Educação*, 2010; 33 (1): 54-64.
- 12 - Steil CA, Toniol R. Ecologia, corpo e espiritualidade: uma etnografia das experiências de caminhada ecológica em um grupo de ecoturistas. *Caderno CRH* 2011; 24 (61): 29-49.
- 13 - Daolio J, Rigoni ACC, Roble OJ. Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty. *Pro-Posições* 2012; 23 (3): 179-193.
- 14 - Leal EM. Jogando pela honra: corpo e masculinidade em uma escola para meninos em situação de rua. *Movimento* 2010; 16 (2): 229-247.
- 15 - Mauss M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- 16 - Elias N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- 17 - Mead M. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- 18 - Rodrigues D. Corpo, técnica e identidade. In: Rodrigues, David (Org.). *Os valores e as atividades corporais*. São Paulo: Summus, 2008. p. 11-26.
- 19 - Daolio J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus, 2011.
- 20 - Steil CA, Murillo LFR. Apresentação. In: CSORDAS, Thomas. *Corpo, significado, cura*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 9-13.
- 21 - Santin S. *Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí: Unijuí, 1987.
- 22 - Santin S. O corpo simplesmente corpo. *Movimento* 2001; 7 (15): 57-74.
- 23 - Betti M. *A janela de vidro*. Campinas, Papirus, 2010.
- 24 - Moreira WW. *Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica*. Campinas: Unicamp, 1995.
- 25 - Kunz E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 2000a.
- 26 - Kunz E. *Esporte: uma abordagem com a fenomenologia*. *Movimento* 2000b; 7 (12): 1-13.
- 27 - Nóbrega TP. *Uma fenomenologia do corpo*. São Paulo: Física, 2010.
- 28 - Surdi AC, Kunz E. A fenomenologia como fundamentação para o movimento humano significativo. *Movimento* 2009, 15 (2): 187-210.
- 29 - Surdi AC, Kunz E. Fenomenologia, movimento humano e a educação física. *Movimento* 2010; 16 (4): p. 263-290.
- 30 - Marques DAP *et al.* Dança e expressividade: uma aproximação com a fenomenologia. *Movimento* 2013; 19 (1): p. 243-263.

- 31 – Silva AM *et al.* Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais. In: Falcão, José Luiz C.; Saraiva, Maria do Carmo (Orgs.) Práticas corporais no contexto contemporâneo: (in)tensas experiências. Florianópolis: Copiart, 2009. p. 10-27
- 32 - Lazzarotti Filho A *et al.* O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. Movimento 2010; 16 (1): 11-19.